

Joffre M. de Rezende

Sr. Editor:

LEAMOS COM O MAIOR INTERESSE o editorial publicado em Arq Bras Endocrinol Metabol, vol. 48, n. 1, fevereiro 2004, no qual se discute a polêmica questão de *tiróide* e *tireóide*. Há alguns anos interessamo-nos pela questão e procuramos analisar as razões da controvérsia do ponto de vista histórico e filológico, o que nos anima a dar nossa opinião sobre o assunto.

Na pesquisa que então realizamos, não encontramos nenhuma referência a Aristóteles nas fontes consultadas (1-4), nem qualquer menção à glândula na sua obra Περὶ ζῴων μορίῳ, traduzida em latim por *De partibus animalium* (5).

No século II d.C., Galeno descreveu a cartilagem que recobre a laringe, a que denominou κόνδρος θυροειδής (de θυρεός, escudo, e εἰδής, semelhante a), mas não a glândula. “Quando se afastam os músculos que vão da laringe ao esterno, vê-se claramente que aí há uma grande cartilagem cuja forma é semelhante à forma de um escudo na parte anterior” (6). Não há nos escritos de Galeno nenhuma referência à glândula tiróide (7).

Os gregos usavam mais de um tipo de escudo e a forma que inspirou Galeno na descrição da cartilagem é de um escudo longo denominado *thyreós*.

A palavra grega *thyreós* é bem antiga na língua grega e é encontrada na narrativa da *Odyssea*, de Homero, para nomear uma grossa laje de pedra quadrangular que o cíclope Polifemo usava como porta para impedir a entrada em seu esconderijo. *Thyreós* é um derivado de *thyra*, porta de casa, batente de porta. O plural de *thyra*, *thyraí*, designa uma porta de dois batentes, ou seja, com duas folhas. Para as portas das muralhas que cercavam as cidades, os gregos tinham outro nome – *pylai* (3,8).

Por metáfora, o escudo longo, cujo formato lembra o de uma porta, passou a ser chamado de *thyreós*. Skinner observa que este tipo de escudo recobria a frente do soldado, do pescoço aos tornozelos e, possivelmente, o nome que lhe foi dado, de *thyreós*, se deve ao primitivo costume de utilizar uma porta como escudo (4).

Embora Vesalius tenha dissecado e identificado a glândula, a denominação de *glandula tiroide* se deve a Warthon, que a redescreveu em 1646, em seu livro *Adenographia*. Aparentemente, assim a chamou por sua localização topográfica junto à cartilagem descrita por Galeno (*ad latera cartilaginum thyroidis*) e não pela sua forma. Na publicação original grafou *thyroide* e não *thyreoides* (4,9).

Vemos, portanto, que há uma estreita conexão entre *thyreós*, escudo, e *thyra*, porta. Certamente por esta razão, o *Webster dictionary* dá a seguinte etimologia para tiróide:

“*Thyroid*, from greek *thyroeiodes*, shaped like a shield, from *thyreós*, shield shaped like a door (from *thyra*, door)” (10).

O dicionário da *Real Academia Española* é mais incisivo ao vincular o nome da glândula à *thyra*, porta:

“*Tiroides* – do gr. *Thyroeiodes*, semejante a una porta” (11).

Professor Emérito da Faculdade de
Medicina da Universidade
Federal de Goiânia, GO.
Membro da Sociedade Brasileira e
da Sociedade Internacional de
História da Medicina

Em latim, um dos primeiros registros se encontra no *Lexicum Medicum*, de Blancard, de 1718. Nele se lê: “*Thyroidae glandulae sunt numero duae*”. “*Thyroides est scutiformis cartilago larynges. Ex tireós, janua, scutum e eidos, forma*” (12).

Vê-se que, mesmo derivando o nome da glândula do gr. *thyreós*, este autor adota em latim a forma *thyro-* (sem o *e*).

Os dicionários da língua portuguesa do século XIX (Constâncio, 1845; Faria, 1856; Lacerda, 1874; Domingos Vieira, 1874; Caldas-Aulete, 1881) averbaram *thyroide*, *thyroideo*, *thyroidea*, tanto para a glândula como para a cartilagem, embora derivem a raiz *thyro-* do gr. *thyreós*, escudo. Faz exceção o dicionário de Caldas-Aulete que deriva *thyro-* do gr. *thyra*, porta, tanto para a cartilagem como para a glândula.

A partir do léxico de Cândido de Figueiredo, de 1899, começa a prosperar a forma *thyreo*, simplificada posteriormente para *tireo-* em razão da reforma ortográfica.

Talvez por influência do dicionário de Littré, que teve grande difusão em vários países, inclusive o Brasil, e várias edições (13), os médicos brasileiros passaram a adotar a forma *tireo-*

Ramiz Galvão, em 1909, em seu *Vocabulário etimológico* averba *Thyroide* e assinala: “Os livros e os léxicos antigos davam *thyroide*; mas já Littré advertiu com acerto que isso se deve corrigir” (14).

A lição de Littré e seus seguidores teve maior repercussão em nosso país do que na própria França. Bloch e Wartburg, que atribuem a forma *thyroide* a um erro de transcrição, declaram em seu *Dictionnaire etymologique de la langue française*: “Littré a essayé mais vainement de rectifier le mot fr. en *thyroide*” (15).

No Brasil, ao contrário, a forma *tireo-* encontrou muitos adeptos, dentre os quais cumpre destacar, por seus conhecimentos lingüísticos, além de Ramiz Galvão, Pedro Pinto e Mangabeira-Albernaz.

São de Pedro Pinto as seguintes palavras: “Foi usual a forma errada *tiróide*, hoje mais ou menos em abandono” (16). E Mangabeira-Albernaz interroga: “Por que haveremos de dizer *tiróide*, vocábulo errado, somente porque o fazem franceses, ingleses e espanhóis?” (17).

Desde então, as duas formas passaram a conviver lado a lado, constituindo fonte de interminável controvérsia. Os dicionários modernos, como o *Aurélio*, 3ª edição, e o *Houaiss*, registram ambas as formas, porém, com preferência para *tireóide*.

A *Nomina Anatomica*, que é redigida em latim e tem validade internacional, nas suas primeiras edições usou a raiz *thyreo-*. A partir da edição de 1960 (*Nomi-*

na de Nova York) (9) mudou para *thyro-*, que foi mantida até a edição mais recente, publicada em 1998 com o título de *Terminologia Anatomica* (18).

Apesar disso, na tradução oficial para a língua portuguesa, a raiz *thyro-* foi mudada para *tireo-* pela Comissão de Terminologia da Sociedade Brasileira de Anatomia (19).

Em face de quanto foi exposto neste comentário, parece-nos que se pode defender, do ponto de vista histórico-filológico, ambas as formas, considerando o vínculo existente entre *thyreós*, escudo, e *thyra*, porta.

Em outros idiomas (inglês, francês, espanhol, italiano) prevalece a raiz *thyro-*. Em alemão, em que a glândula *tiróide* é chamada *schilddrüse*, de *schild*, escudo, e *drüse*, glândula, usa-se de preferência *thyreo-*. Contudo, modernamente já se emprega a raiz *thyro-* para designar a própria glândula (*Thyroidea*) e em alguns cognatos como *thyroxin*, *thyronin*, *thyrogen*, *thyroidektomie*, *thyroideus* (20).

Seria desejável a opção por *thyro-* também em português, em benefício da uniformidade internacional da terminologia científica.

REFERÊNCIAS

1. Bailly A. **Dictionnaire grec-français**. 16. ed. Paris, Lib. Hachette, **1950**.
2. Liddell HG, Scott R. **A greek-english lexicon**. 9.ed., Oxford, Clarendon Press, **1983**.
3. Marcovecchio E. **Dizionario etimologico storico dei termini medici**. Firenze, Ed. Festina Lente, **1993**.
4. Skinner HA. **The origin of medical terms**. 2.ed. Baltimore, Williams & Wilkins, **1961**. p.404.
5. Aristóteles. **Parts of animals**. The Loeb Classical Library. Cambridge, Harvard Univ. Press, **1983**.
6. Galeno C. **Procedimenti anatomici**. (Trad. italiana por Garofalo, I.). Libro XI. 1, Milano, Biblioteca Universale Rizzoli, **1991**. p.905.
7. Durling RJ. **A dictionary of medical terms in Galen**. Leiden, E.J.Brill, **1993**. p.181.
8. Chantraine P. **Dictionnaire étymologique de la langue grecque**. Histoire des mots. Paris, Ed. Klincksieck, **1984**. p.446.
9. Becker I. **Nomenclatura biomédica no idioma português do Brasil**. São Paulo, Liv. Nobel, **1968**. p.314-29.
10. Webster's Third New International Dictionary. Chicago, Enciclopedia Britanica Inc., **1966**.
11. Real Academia Española. **Diccionario de la lengua española**. 19.ed. Madrid, **1970**.
12. Blancard S. **Lexicon medicum graeco-latino-germanicum**. 5.ed., Hallae Magdeburgicae, **1718**. p.321.

13. Littré E. **Dictionnaire de médecine, de chirurgie, de pharmacie et l'art vétérinaire et des sciences qui s'y rapportent**. 18. ed. Paris, Librairie J.-B. Baillière et Fils, **1898**.
14. Galvão BFR. **Vocabulário etymológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega**. Rio de Janeiro, Liv. Francisco Alves, **1909**.
15. Bloch O, Von Wartburg W. **Dictionnaire étymologique de la langue française**. 7.ed. Paris, Presses Universitaires de France, **1986**.
16. Pinto PA. **Dicionário de termos médicos**. 2.ed. Rio de Janeiro, **1938**.
17. Mangabeira-Albernaz P. **Questões de linguagem médica**. Rio de Janeiro, Liv. Atheneu, **1944**. p.9-20
18. Federative Committee on Anatomical Terminology. **Terminologia anatomica**. Stuttgart, Georg Thieme Verlag, **1998**. p.74.
19. Sociedade Brasileira de Anatomia. **Terminologia anatômica**. São Paulo, Ed. Manole Ltda., **2001**. p.90.
20. Zatzkin M, Schaldach H. **Wörterbuch der Medizin**. Berlin, Ullstein Mosby, **1992**.

Endereço para correspondência:

Joffre Rezende
Av. B, 435 - Setor Oeste.
Goiânia, GO
e-mail: jmrezende@cultura.com.br